



José Cardoso Pires

O banquete na jangada

Nos dez anos em que estive ao leme do país, este chefe providencial criou ministros e deputados transparentes e estava tão orgulhoso por isso que os tratava como coisa dele. Aos do Governo, chamava-lhes “os meus ministros”, coisa a que nem mesmo o Salazar dos dentinhos afiados alguma vez se atrevera, conforme observou o Prof. Adriano Moreira.

AFINAL, SOUBE-SE AGORA, Cavaco Silva, Timoneiro pela graça de Deus da nossa Década de Glória, era o Capuchinho Vermelho disfarçado de Lobo Mau e os inocentinhos que o rodeavam nunca tinham dado por isso. Muito amedrontados, ouviam-no a pregar para a eternidade no seu leito de príncipe de fábula de ouro, sempre feroz, ferocíssimo, de queixo arrogante e modéstia tremebunda. Exigia transparência, a transparência era uma virtude que só Deus e ele conheciam e queria-a bem clara e de mãos limpas. Defendia a estabilidade, a estabilidade acima de tudo, e nunca a barca lusitana andou em tão mar de rosas como naquele tempo. Preocupava-se com os desprotegidos, ele próprio era de gente modesta como muitos imperadores predestinados, e prevenia contra as luxúrias da cultura, pois “sábio era Cristo e não consta que tivesse biblioteca”, conforme disse um poeta cujo nome não me ocorre.

Nos dez anos em que estive ao leme do país, este chefe providencial criou ministros e deputados transparentes e estava tão orgulhoso por isso que os tratava como coisa dele. Aos do Governo, chamava-lhes “os meus ministros”, coisa a que nem mesmo o Salazar dos dentinhos afiados alguma vez se atrevera, conforme observou o Prof. Adriano Moreira.

Mas, na sua ingenuidade irrequieta, alguns dos capuchinhos transparentes que andavam à volta do Lobo Sagrado começaram a fazer tropeliazitas, coisas de nada, corrupções, casos de Judiciária, brincadeiras de bombistas de Carnaval, responsáveis do Partido nos bancos dos réus, militares e polícias a jogarem ao mafioso, clientelas políticas a treparem alegremente pelos interstícios dos negócios — numa palavra,

imprudências. E o Lobo Mau (que afinal era bonzinho) a aturar, cheio de paciência, aquelas criancices.

O que vale é que a barca tinha rumo firme na rota da modernidade e o povo vivia em segurança, aclamado por toda a Europa (“invejado”, disse o Chefe numa frase que ficou para a História). Além disso, havia estabilidade. Podia-se brincar ao mafioso ou ao militar pirata, mas a estabilidade consolidava-se a olhos vistos.

Estava-se nisto, em boa paz e na melhor das transparências, quando o estúpido calendário da Democracia deu a volta à navegação e fez saltar para fora da barca o Supremo Timoneiro com todos os capuchinhos da sua corte mais a rataria dourada que os acompanhava.

Rei morto, rei posto, diz o povo, mas antes de abandonarem a barca do poder os destronados minaram-na à pressa com centenas ou milhares de amigalhões cheios de voracidade patriótica. Ao mesmo tempo, um oficial suspeito de traficâncias saiu da aviação e passou para a administração da Transtejo, um deputado de fracas posses depositou uma batelada de milhares de contos num banco da América Latina, o ministro Catroga atribuiu-se uma reforma de milhares de contos por mês e o próprio Lobo Mau há muito que se fechara em copas para lavar as mãos de tudo aquilo.

Queria descansar. Dez anos de glória cansam qualquer cidadão modesto e transparente. Tinha decidido, por isso, abandonar a política, mas Deus ordenou-lhe que reflectisse. Anunciou-lhe os terríveis desafios que o país iria enfrentar e que só ele, lobinho ibérico em tu cá, tu lá com as feras máximas da política internacional, tinha, modéstia à parte, autoridade e experiência para os resolver.

Contrariado, disse sim. Deixou a sua toca de exilado e aceitou candidatar-se a almirante do mastro real.

O povo quando o viu nem acreditou. Vinha outro, sem a modéstia arrogante dos dez anos em que abalara o mundo e já não era o Lobo Mau que fingira ser para se dar ao respeito mas um verdadeiro Capuchinho Vermelho, prodigioso de candura e sabedoria. Quando lhe perguntaram o porquê daquela transformação limitou-se a comparar-se modestamente com o Santo Padre, que também mudara de cara ao deixar o arcebispado de Cracóvia para subir ao Vaticano. Depois, quando lhe lembraram o escândalo das nomeações que o seu Governo tinha feito já com a borda debaixo de água, declarou que não fora ele mas os seus ministros que tinham tomado essa patriótica decisão.

Assim ficámos a saber que os inocentes capuchinhos é que eram os lobos da fábula e que tudo acabará em bem se o Timoneiro dos tempos idos ganhar asas e subir ao mastro real.

Por tudo isto é que os ministros dele minaram a Barca do Poder com legiões de ratazanas da mais inteira confiança e, passeando-se de jangada, lhe ofereceram um banquete de gratidão à luz da lua e com a benção do sete-estrela. ●